

Delisa Xarepe

Sucus mei

UMA VIAGEM PELO UNIVERSO DAS
SUCULENTAS



AUTORA

Delisa Xarepe

TÍTULO

Sucus Mei – Uma viagem pelo universo das suculentas

EDIÇÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

Praça da Corujeira n.º 38 · 4300-144 PORTO

Tel. 220 939 053 · E-mail: geral@quanticaeditora.pt · www.quanticaeditora.pt

CHANCELA

Agrobook – Conteúdos de Agronomia e Engenharia Alimentar

DISTRIBUIÇÃO

Booki – Conteúdos Especializados

Tel. 220 104 872 · Fax 220 104 871 · E-mail: info@booki.pt · www.booki.pt

REVISÃO

Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

REVISÃO TÉCNICA

Prof.ª Dr.ª Manuela David

DESIGN

Luciano Carvalho

Delineatura – Design de Comunicação · www.delineatura.pt

APOIOS

VIPLANT – Viveiros do Algarve, Lda · www.viplant.pt

Universidade do Algarve · www.ualg.pt

APH – Associação Portuguesa de Horticultura · www.aphorticultura.pt

AGROTEC – Revista Técnico-Científica Agrícola · www.agrotec.pt

IMPRESSÃO

fevereiro, 2021

DEPÓSITO LEGAL

470136/20



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Copyright © 2021 | Todos os direitos reservados a Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda.

A reprodução desta obra, no todo ou em parte, por fotocópia ou qualquer outro meio, seja eletrónico, mecânico ou outros, sem prévia autorização escrita do Editor e do Autor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.

Este livro encontra-se em conformidade com o novo Acordo Ortográfico de 1990, respeitando as suas indicações genéricas e assumindo algumas opções específicas.

CDU

581 Botânica geral

635.9 Plantas ornamentais. Plantas decorativas. Jardinagem ornamental

ISBN

Papel: 9789899017184

E-book: 9789899017191

Catálogo da publicação

Família: Agronomia

Subfamília: Produção Vegetal

Índice

AGRADECIMENTOS.....	XI
PREFÁCIO.....	XIII
PRÓLOGO.....	XV
1. HISTÓRIA E ORIGENS.....	19
2. MORFOLOGIA E FISIOLOGIA DAS SUCULENTAS.....	25
2.1. Evolução.....	27
2.2. Mas afinal o que são as suculentas?	30
2.3. Os catos.....	35
3. CUIDADOS – MANUTENÇÃO DE SUCULENTAS.....	39
3.1. Rega.....	41
3.2. Luminosidade.....	43
3.3. Temperatura	45
3.4. Drenagem.....	45
3.5. Tipo de substrato	46
3.6. Nutrição.....	48
3.7. Transplantação e a importância do vaso	48
3.8. Toxicidade.....	50
3.9. Como conseguir suculentas coloridas	52

4. DIAGNÓSTICO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	55
4.1. Estiolamento.....	57
4.2. Queimaduras solares	58
4.3. Apodrecimento das raízes	60
4.4. Folhas murchas e enrugadas	61
4.5. Folhas secas.....	62
4.6. Folhas manchadas.....	63
4.7. Raízes visíveis	64
5. PRAGAS E DOENÇAS	67
6. PROPAGAÇÃO	77
6.1. Estacas de folhas.....	81
6.2. Estacas do caule e de rosetas	85
6.3. Divisão radicular	87
6.4. Hidroponia com suculentas.....	88
6.5. Técnica especial e criativa para os catos.....	92
7. DESIGN COM SUCULENTAS.....	97
7.1. Suculentas no jardim.....	102
7.2. Suculentas em casa e no trabalho	106
7.3. Pequenos jardins	109
8. JARDINS PARA O FUTURO.....	117
8.1. Uma viagem ao passado para enfrentarmos o futuro	119
8.2. Criação e manutenção de jardins tendo em conta as alterações climáticas	122
8.3. Potencialidades das suculentas num cenário de mudança climática.....	125
9. CURIOSIDADES E PRECONCEITOS	133
10. GALERIA E GUIA DE ESPÉCIES	151
<i>Acanthocereus tetragonus</i> 'Fairytale castle'.....	154
<i>Aeonium arboreum</i>	156
<i>Aloe humilis</i>	158
<i>Aloe juvenna</i>	160
<i>Crassula arborescens</i> subsp. <i>undulatifolia</i>	162
<i>Crassula brevifolia</i>	164
<i>Crassula ovata</i> 'Gollum'.....	166
<i>Echeveria affinis</i>	168
<i>Echinocactus grusonii</i>	170
<i>Echinocereus rigidissimus</i>	172

<i>Espositoa melanostele</i> subsp. <i>nana</i>	174
<i>Euphorbia candelabrum</i>	176
<i>Euphorbia enopla</i>	178
<i>Euphorbia submamillaris</i>	180
<i>Ferocactus latispinus</i>	182
<i>Haworthiopsis fasciata</i>	184
<i>Kalanchoe tomentosa</i>	186
<i>Lithops</i> spp.....	188
<i>Mammillaria solisioides</i>	190
<i>Opuntia microdasys</i> var. <i>albispina</i>	192
<i>Pachyphytum oviferum</i>	194
<i>Pleiospilos nelii</i>	196
<i>Polaskia chichipe</i>	198
<i>Sansevieria cylindrica</i>	200
<i>Sedum multiceps</i>	202
GLOSSÁRIO.....	CCV
BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA.....	CCXVII
ÍNDICE DE FIGURAS.....	CCXXIII

O livro que encontra nas suas mãos surgiu da necessidade de compilar todas as informações básicas sobre suculentas, que se encontram dispersas em inúmeras fontes. Decidi então dar o meu contributo para a área através desta obra, fornecendo um guia completo e simplificado, que desvende os segredos destes seres misteriosos. Tentei simplificar a informação apresentada, para não vos maçar com matérias exaustivas e desgastantes. Restringi-me apenas aos conceitos e tópicos fundamentais - nomes científicos e nomes comuns, *habitats*, cuidados, diagnóstico de problemas, entre outros -, os quais, espero, poderão fomentar o seu conhecimento e interesse pelas suculentas.

A maioria das pessoas sabe pouco sobre o prodígio das suculentas e muitas das vezes olham para algumas com um certo desprezo, como é o caso dos gatos. Um estigma bem enraizado na sociedade em geral, mas infundado, que eu pretendo desmistificar.

Muitas das informações contidas nestas páginas resultaram da minha experiência profissional e pessoal com suculentas, através da *DM cactus&succulent design* e do meu trabalho na área dos espaços verdes. Aprecio muito trabalhar com estas plantas enigmáticas, que oferecem infindas possibilidades de *designs* nos mais diversos materiais e locais. Sei que cada uma das minhas criações vai contribuir para a felicidade e revitalização da casa, local de trabalho ou jardim de alguém. Para mim, esta é uma sensação profundamente satisfatória e gratificante.



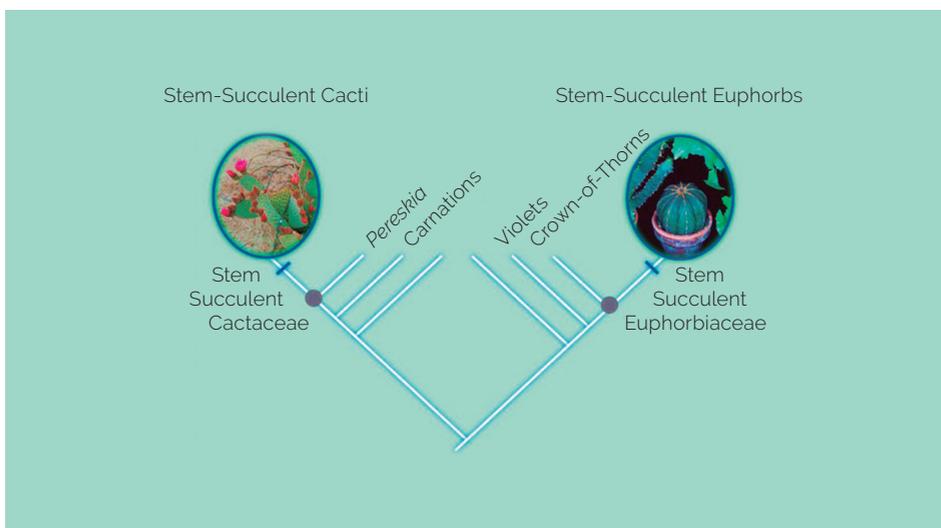
Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 0.1 – Arranjo de suculentas através da reciclagem de um tronco velho.

Infelizmente o registo fóssil para as angiospérmicas é escasso e, no caso das suculentas, quase inexistente. Isto porque, aparentemente, climas quentes e secos não são propícios à formação de fósseis, devido à falta de água. Ainda assim, alguns fósseis de catos, como o género *Mammillaria*, *Ferocatus* ou *Opuntia* foram encontrados. Embora não tenham milhões de anos, mas sim dezenas de milhares de anos ⁽¹¹⁾.

Atualmente sabe-se que a evolução das plantas está intrinsecamente ligada com as mudanças ambientais. Acompanharam as alterações do meio onde se inseriam mediante o desenvolvimento de certas características, como a suculência, determinantes para a conquista do novo ambiente. Esta foi, provavelmente, a principal causa para a evolução das suculentas. Mas, de acordo com Speirs, o principal mecanismo de evolução das suculentas é a pré-adaptação ⁽¹⁵⁾, ou seja, plantas que se adaptem a *habitats* áridos, rochosos ou solos com défice nutricional, vão estar melhor preparadas para outros *habitats*, como é o caso do género *Sempervivum*, que se pensa ser originalmente da tundra.

Outro fenómeno que deve ser tido em conta quando se aborda a linha evolutiva das suculentas é a Evolução Convergente, ou seja, um processo através do qual duas espécies diferentes, sem qualquer relação entre si ou com um ancestral comum muito distante, apresentam características semelhantes. Este fenómeno é muito frequente nas suculentas. Por exemplo, muitas espécies do género *Euphorbia* são incrivelmente semelhantes aos catos, mas, no entanto, não são catos, nem têm qualquer relação familiar ⁽²³⁾ (Fig. 2.1).

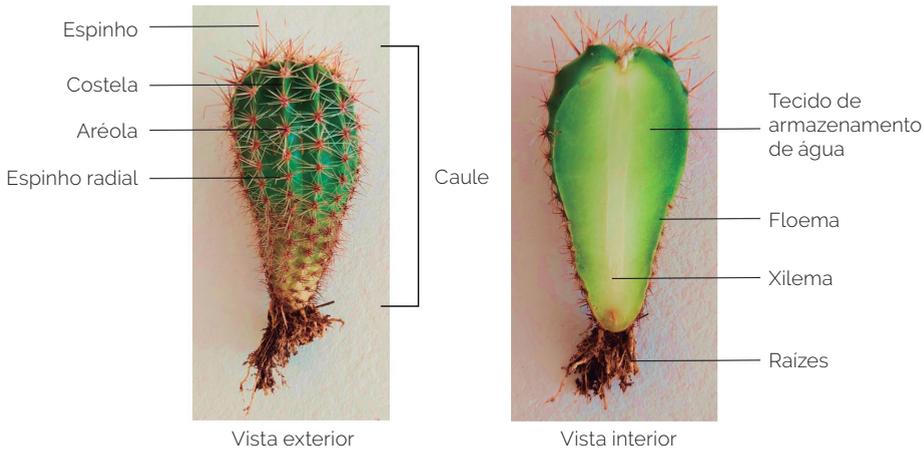


Fonte: Yale University – Peabody Museum of Natural History.

Figura 2.1 – Evolução convergente entre a família *Cactaceae* e *Euphorbiaceae*.

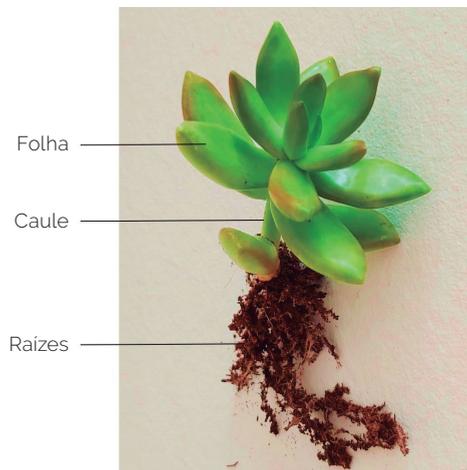
2.2. Mas afinal o que são as suculentas?

As suculentas são plantas com a capacidade de armazenar água nos seus órgãos, de tal maneira que podem ficar temporariamente independentes de qualquer fonte externa de água e ainda assim deter alguma atividade fisiológica. Apesar desta característica de suculência ser mais conhecida nas folhas (p.ex. género *Lithops*) e caules (p.ex. catos), pode também ocorrer noutros órgão, como raízes (p.ex. *Senecio coccineiflorus*), bolbos (p.ex. *Trichodiadema bulbosum*) ou tubérculos (p.ex. género *Brachystelma*). (Fig. 2.3 e 2.4)



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 2.3 – Anatomia de um cato.



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 2.4 – Anatomia de uma suculenta de folhas.

5) Formato e cor das flores – nem sempre é fácil, pois nem sempre produzem flores. Porém quando as produzem, cada espécie tem o hábito de produzir flores com características bem específicas e em épocas do ano particulares. Um excelente exemplo é o Cato de Natal (*Schlumbergera truncata*), cuja floração ocorre no início/meio do inverno.

6) Procurar por outros pormenores significativos – riscas, presença de tricomas, folhas mais ou menos carnudas, se é pendente ou não, entre outros atributos, são importantes na identificação. Por exemplo, se as folhas forem verde, triangulares e com riscas brancas, no exterior da planta, é provável que seja uma *Haworthiopsis fasciata*.

Toda a sua anatomia é altamente especializada, preparando a planta para superar o meio hostil que a rodeia. Em termos morfológicos as suculentas sofreram inúmeras modificações durante o seu processo evolutivo, de forma a se ajustarem e sobreviverem em condições desfavoráveis. Estas modificações resultaram num enorme número de diferentes espécies, com características e aparências peculiares, nomeadamente:

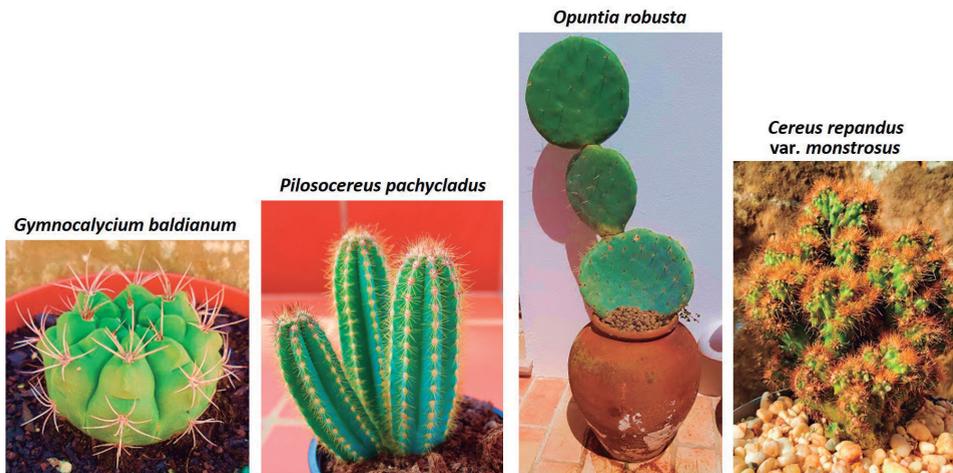
- **Tecidos carnudos** – tecidos ricos em água, armazenada para períodos de seca;
- **Folhas grandes, pequenas ou inexistentes** – no caso das folhas pequenas a superfície de contacto da planta é reduzida, logo limitam-se as perdas de água. No caso das folhas maiores a sua área é maior, logo são mais espessas;
- **Espinhos, pelos e ceras** – surgem nas mais diversas formas, tamanhos e cores. (Fig. 2.5)



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 2.5 – Espinhos (*Melocactus multiceps*), pelos (*Kalanchoe tomentosa*) e ceras (*Echeveria* 'Purple Pearl').

- **Catos colunares (ou cilíndricos)** – cujo hábito de crescimento é ereto. Espécimes mais velhos podem apresentar ramificações, como em forma de árvore. A forma de propagação mais frequente é a enxertia, mas a divisão de brotos também é possível, quando estes existem;
- **Catos platicládios** – são aqueles cujos caules e ramos são achatados, como é o caso das *Opuntia*. Aqui a propagação é feita mediante o corte dos platicládios;
- **Catos irregulares** – são aqueles cuja forma não é definida como é o caso do *Cereus peruvianus f. monstrosa* ou do *Tephrocactus molinensis*. (Fig. 2.8)



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 2.8 – As diferentes formas dos catos (da esquerda para a direita - globulares, colunares, platicládios e irregulares).

Os catos apresentam folhas modificadas, os espinhos, que, ao contrário do que se pode pensar, não têm a função de castigar quem se aproxime deles para os admirar, se bem que uma das funções dos espinhos passa pela defesa contra predadores. Os espinhos para além de oferecerem sombra e permitem ainda reduzir drasticamente a quantidade de água que a planta perde por transpiração, pois a superfície de contacto é muito reduzida. Além disso, funcionam como pontos de captação de condensação, a chamada precipitação oculta (orvalho e nevoeiro), em gotas que escorrem ou caem ao solo, e que serão absorvidas pelas raízes.

Muitos catos apresentam costelas bem marcadas, dispostas ao longo do caule, mais ou menos salientes. Para além dos espinhos, a superfície da sua epiderme

bem à planta. Imediatamente à transplantação não regue a sua suculenta. Espere cerca de uma semana para efetuar a primeira rega. Isto evitará que, algumas raízes danificadas durante o processo, apodreçam e permitirá à planta ajustar-se ao novo substrato. (Fig. 3.5)



REGAR APENAS UMA SEMANA
APÓS A TRANSPLANTAÇÃO

Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 3.5 – As diferentes etapas na transplantação de uma *Portulacaria afra*.

Se a suculenta estiver em floração não deve ser transplantada, para que este processo não seja interrompido.

Sempre que optar por suculentas em miniatura, o vaso que vai usar deve ter pelo menos sete cm de altura, sendo que devem sobrar aproximadamente dois a três centímetros entre a borda do mesmo e a planta ⁽²⁸⁾.

3.8. Toxicidade

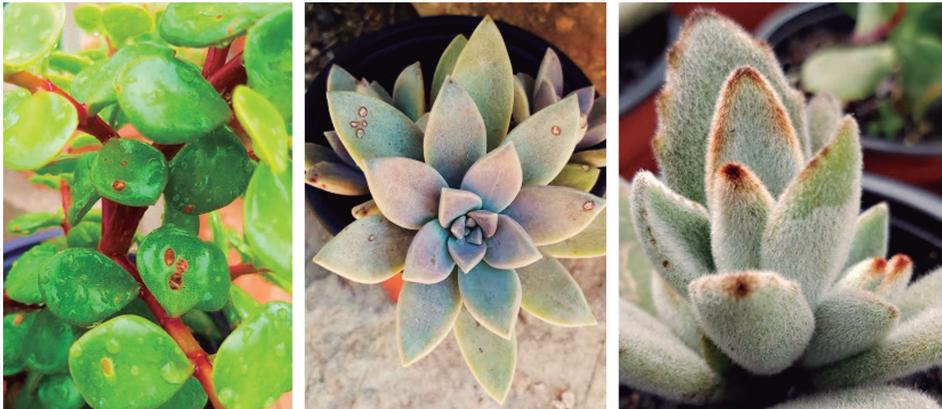
A grande maioria das suculentas não são tóxicas, quer para humanos, quer para os nossos animais de estimação. Na verdade, existem algumas que produzem frutos bastante deliciosos, como é o caso da *Opuntia ficus indica* ou de alguma do género *Agave*, que são utilizadas pelas culturas da América Central há mais de 9 000 anos, na sua alimentação ou na produção de tequila. Ou então aquelas que possuem propriedades medicinais como a *Aloe vera*. Ainda assim existem algumas espécies que devem ser evitadas, tais como as *Euphorbia*, cuja seiva pode provocar irritação na pele ou dores de estômago, quando ingerida (Fig. 3.6).

tar a planta deve aplicar uma solução à base de cobre no substrato, como prevenção, pelo menos uma vez por mês, até que a planta fortaleça.

Quando as plantas são levadas do interior para o exterior e são expostas diretamente à luz solar, sem qualquer período de adaptação, estas manchas podem surgir, na forma de queimaduras, mencionadas anteriormente. Para termo de comparação é o equivalente a expormos a nossa pele ao Sol sem proteção solar. Pode ser difícil distinguir estas manchas daquelas causadas por agentes bióticos (pragas e doenças), porém, geralmente, as queimaduras são manchas duras e secas, enquanto aquelas resultantes de fungos ou bactérias são moles e gelatinosas. Quando a causa são fungos estas manchas tendem a formar áreas maiores.

O frio pode igualmente provocar manchas. Nestes casos, normalmente o problema é irreversível e a planta acaba por morrer.

Nalguns casos as manchas são resultado de uma adubação desajustada. A maioria dos adubos são sais, e como qualquer sal, quando aplicado sem cuidado, provoca queimaduras químicas, que se manifestam por meio de manchas. **(Fig. 4.6)**



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 4.6 – Folhas manchadas de *Portulacaria afra* e *Graptopetalum* sp. (à esquerda) e folhas de *Kalanchoe tomentosa* (à direita), com manchas naturais.

4.7. Raízes visíveis

Por vezes as raízes da sua suculenta começam a aparecer por cima do substrato. Isto é um sinal inicial de que a planta não está tão bem. A razão mais comum para esta circunstância está relacionada com as condições do substrato. Possivelmente o substra-



Fonte: Delisa Xarepe (à esquerda). Fonte: Alexander Arzberger / llife.com (à direita)

Figura 6.1 – *Notocactus magnificus* (à esquerda) e *Neoporteria tuberisulcata* (à direita).

Na estacaria são destacas de uma planta-mãe pequenas porções do caule, folhas ou raízes (estacas), submetendo-as ao enraizamento, em meio apropriado, com o objetivo de gerar uma planta, que será geneticamente igual à planta-mãe, ou seja, este método permite gerar clones. É um método bastante simples e, em função da espécie vegetal com que esteja a trabalhar, tem uma taxa de sucesso elevada. (Fig. 6.2)

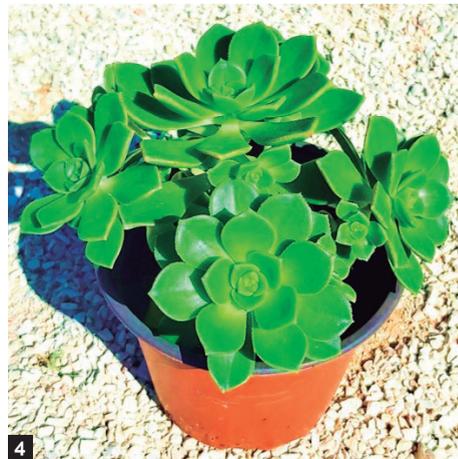
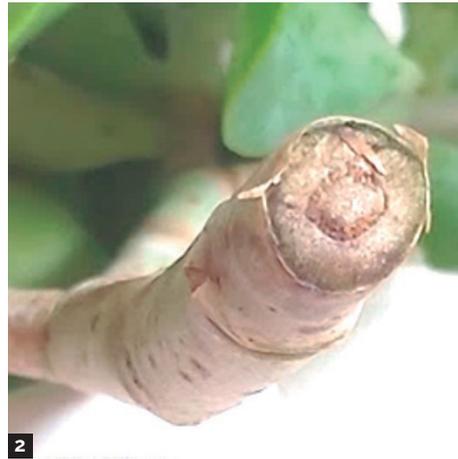


Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 6.2 – Criação de novas plantas de *Adromischus cristatus* a partir de um único indivíduo.

Visto que as suculentas estão sujeitas a ambientes desafiantes com a "morte sempre à espreita", o seu modo de multiplicação tem de ser fácil, rápido e eficaz. Assim, praticamente todas as suculentas têm a capacidade de se propagarem espontaneamente, a

O tema da primeira rega neste método de propagação é um pouco mais complexo e difícil de avaliar, pois a planta já está no substrato e por isso é impossível ver as suas raízes. Normalmente depois de quatro semanas surgem as primeiras raízes. Uma das formas, mesmo que muito arriscada, para saber quando regar, é esperar que a planta comece a enruguar. Isto significa que a planta está a esgotar as suas reservas de água e que precisa desesperadamente de água. Por esta altura as raízes estarão certamente desenvolvidas e é seguro regar. Contudo não deixa de ser uma forma muito arriscada, pois existe uma grande probabilidade de a planta não recuperar e morrer. **(Fig.6.5)**

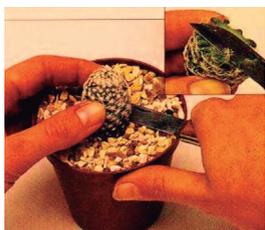
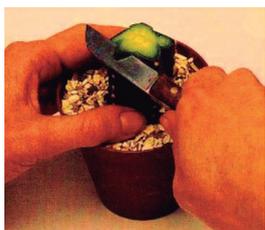


Fonte: Delisa Xarepe.

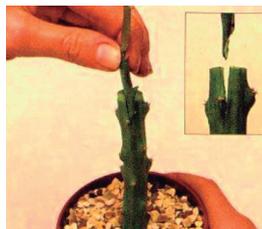
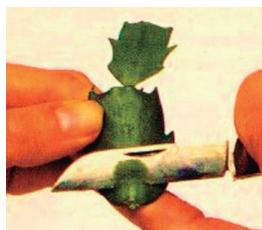
Figura 6.5 – Propagação de *Aeonium haworthii* por meio de estacas de roseta.

[1] Corte da roseta, **[2]** Cicatrização, **[3]** Enraizamento, **[4]** Plantação.

Enxertia de encosto



Enxertia em garfo



Fonte: Hewitt, T. (1993). *The Complete Book of Cacti and Succulents*.

Figura 6.11 – Dois processos diferentes de enxertia em catos.



Fonte: Marina Matias.

Figura 7.6 – O local onde pretende instalar a sua suculenta é fulcral, em função do destaque que lhe pretenda dar.

E como as opções com estas plantas são incontáveis, pode ainda considerar plantá-las com o objetivo de criar uma configuração pendente. Quer seja num canteiro elevado, nas aberturas entre rochas ou mesmo numa parede, estas espécies são admiravelmente habilidosas a revestir uma superfície. Duas das minhas favoritas, mas muito sensíveis ao mínimo toque, são o *Sedum morganianum* e o *Senecio rowleyanus*.

Jogue com as formas e simetrias das suculentas contra uma parede. Isto irá criar um dinamismo e simultaneamente elegância minimalista (**Fig. 7.7**). Combine ainda plantas com diferentes períodos de floração, para que o seu jardim possua sempre uma sucessão admirável de cores.

comecei a fazer os meus primeiros minijardins ficava sempre com a sensação de que não sabia o que estava a fazer. Mas é certo que isso revelou ser falso, pois neste momento já ultrapassei a barreira de 100 *designs* diferentes e as ideias para mais continuam a jorrar. Nem todas as realizações serão do agrado de todos, mas o importante é divertir-se e principalmente sentir-se bem com aquilo cria.



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 7.9 - Alguns exemplos de minijardins.



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 7.12 – Arranjo com *Sansevieria cylindrica* e *Aloe vera* para a casa de banho.

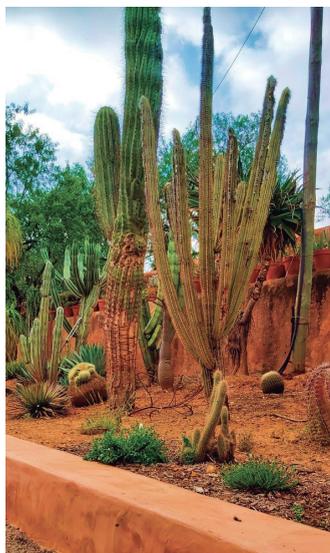
2. Construa um jardim sem sistema de rega

Atualmente, os sistemas de rega já são mais eficientes e sofisticados. Mas mesmo assim verifica-se um gasto efetivo de água e ainda algum desaproveitamento. Por isso se quiser um jardim, mas não pretende ou não pode instalar um sistema de rega, as suculentas são uma solução óbvia para o seu problema. As regas são efetuadas ocasionalmente e, para além das plantas, não há outros custos associados.

Ainda em casos onde não existe uma fonte de água perto da área plantada, as suculentas podem mais uma vez ser resposta para o seu dilema. **(Fig. 8.5)**



Fonte: Marina Matias.



Fonte: Delisa Xarepe.



Fonte: Clotilde Bernardo.

Figura 8.5 – Alguns exemplos de jardins sem sistema de rega.



Fonte: Marina Matias

Figura 9.5 – Existe uma grande variedade de cores nas suculentas.

Existem em diferentes tamanhos

Das 20 000 espécies de suculentas catalogadas ⁽³⁾, podem-se encontrar espécies muito pequenas e espécies gigantes. A maior suculenta conhecida, com 1700 anos, é o Embondeiro (*Adansonia digitata*) ⁽³⁰⁾, cujo tronco atinge no ponto mais largo os 33 metros de perímetro e uma altura de 19 metros. A menor suculenta conhecida é a *Blossfeldia liliputana*, que atinge no máximo 1,5 cm ⁽³⁰⁾. **(Fig. 9.6)**



Fonte: World of Succulents..

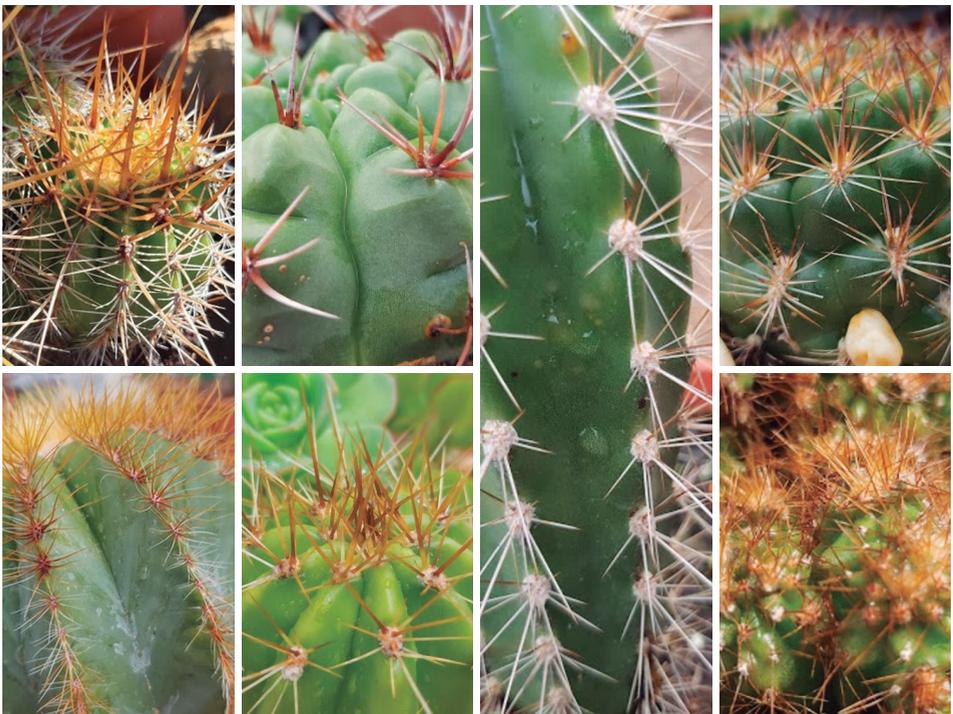
Figura 9.6 – Existem em diferentes tamanhos como é o caso da *Adansonia digitata* (à esquerda) ou da *Blossfeldia liliputana* (à direita).

As mais acinzentadas não são adequadas a interiores

Apesar de muitos afirmarem que qualquer espécie se adapta facilmente em qualquer lugar, as de tons acinzentados são as menos recomendadas para manter no interior. Quanto mais esverdeadas forem as folhas, maior a chance de sobrevivência da planta dentro de casa.

Os catos têm espinhos em vez de folhas

Os espinhos dos catos são na verdade folha modificadas, que podem crescer até aos 15cm de comprimentos, nalgumas espécies. Os espinhos são uma adaptação para evitar perdas de água e também assumem um papel de mecanismo de defesa contra predadores. (Fig. 9.15)



Fonte: Delisa Xarepe.

Figura 9.15 – Os catos têm espinhos em vez de folhas.

Mammillaria solisioides

Família

Cactaceae

Sinónimos

Mammillaria pectinifera f. *solisioides*

Origem

Ocorre entre as regiões de Puebla e Oaxaca, no México. Cresce em altitudes compreendidas entre os 700 e os 1 250 metros ⁽²⁶⁾. Contrariamente a muitos outros catos, esta espécie é abundante no seu *habitat* natural.

Etimologia

Foi descrita e classificada pelo horticultor alemão Curt Backeberg, em 1952. Porém, em 1753, já tinha sido descrita por Linnaeus como *Cactus mammillaris*. O nome *Mammillaria* deriva da palavra latina *mammilla*, que significa "tubérculo".

Descrição

Desenvolve-se sob a vegetação em solos alcalinos, com alguma pedregosidade superficial e alta capacidade de retenção de água. O seu crescimento é lento. Contrariamente aos outros catos não tem costelas, mas sim estruturas em forma de tubérculo, de onde emergem os espinhos.

É uma planta solitária, mas esporadicamente pode desenvolver pequenos aglomerados. O seu caule é redondo ou ligeiramente em forma de cilindro invertido e não produz latex (seiva branca). Pode atingir os 7,5 cm de comprimento e de largura ⁽³⁰⁾. Possui aproximadamente 25 espinhos por aréola ⁽²⁶⁾, de cor branca ou branco-sujo, achatados junto ao caule. As flores são amarelas ou brancas.

Esta planta é muito propensa ao apodrecimento radicular, por isso as regas devem ser cuidadosas e nunca desmedidas. É imperativo que a planta tenha excelentes condições de drenagem. Regas durante o período de crescimento (primavera-verão) vão encorajar a um crescimento constante. Durante o período de dormência não deve ser regada.

(Fig. 10.19)



Fonte: Valentino Vallicelli / lifte.com.

Figura 10.19 – *Mammillaria solisioides*.

Delisa Xarepe

Sucus mei

UMA VIAGEM PELO UNIVERSO DAS

SUCULENTAS

Sobre a obra

O sentido de sobrevivência das suculentas é extremamente apurado, pois ao longo da sua evolução foram desenvolvendo estratégias bastante requintadas para poderem resistir onde mais nenhuma espécie vegetal seria capaz.

Este livro surgiu da necessidade de reunir toda a informação sobre suculentas, que se encontra dispersa em inúmeras fontes. *Sucus mei – uma viagem pelo universo das suculentas* é um guia completo e simplificado, que desvenda os segredos destas plantas misteriosas. Os conteúdos são apresentados a partir do ponto de vista técnico, mas de maneira a que qualquer pessoa sem formação na área os possa compreender. A maioria das pessoas sabe pouco sobre o prodígio das suculentas e muitas das vezes olha-se para elas com um certo desprezo. Um estigma bem enraizado na nossa sociedade, mas infundado, que se pretende desmistificar.

Esta obra pretende também alertar para a crise climática que é vivida atualmente, e como os jardins e espaços verdes podem ajudar na sua mitigação. Esta é uma temática crucial, para inteirar os cidadãos de que está também nas suas mãos a possibilidade de retardar os efeitos do aquecimento global, através da mudança na sua perceção dos espaços verdes.

Sobre a autora

Delisa Xarepe é antiga aluna da Universidade do Algarve, onde se licenciou, com mérito académico em Agronomia. Uma jovem algarvia, ambiciosa e curiosa com uma carreira ainda recente, embora já tenha laborado na área da produção agrícola e na área dos Espaços Verdes. Atualmente desempenha funções numa empresa especializada na construção e manutenção de jardins, e paralelamente trabalha no *design* com catos e outras suculentas.

A sua paixão pelas suculentas fomentou a composição desta obra que é a sua primeira aventura no mundo da escrita. A sua aspiração é que a sua obra, *Sucus mei*, possa transformar mentalidades e educar as massas acerca dos benefícios e possibilidades que estas plantas podem proporcionar, partilhando com os leitores o seu conhecimento e experiência.

Apoios



AGROTEC
revista técnico-científica agrícola



Também disponível em formato *e-book*

